



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**DÁVILA MARIA DA CRUZ ANDRADE**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE MODERNIDADE E MEIO AMBIENTE  
EM HANNAH ARENDT E HANS JONAS**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2011**

DÁVILA MARIA DA CRUZ ANDRADE

**CONSIDERAÇÕES SOBRE MODERNIDADE E MEIO AMBIENTE  
EM HANNAH ARENDT E HANS JONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura Plena em Filosofia  
da Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em Filosofia

Orientador (a): Prof. Ms. Tarcísio Fagner  
Aleixo Farias

CAMPINA GRANDE

2011

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A242c Andrade, Dávila Maria da Cruz  
Considerações sobre modernidade e meio ambiente em  
Hannah Arendt e Hans Jonas [manuscrito] / Dávila Maria da Cruz  
Andrade. - 2015.  
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Prof. Me. Tarcísio Fagner Aleixo Farias,  
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia Alemã 2. Vida Ativa 3. Trabalho 4. Condição  
Humana 5. Meio Ambiente I. Título.

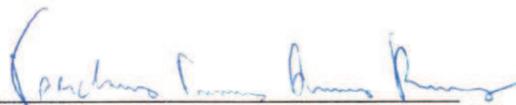
21. ed. CDD 193

**DÁVILA MARIA DA CRUZ ANDRADE**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE MODERNIDADE E MEIO AMBIENTE  
EM HANNAH ARENDT E HANS JONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

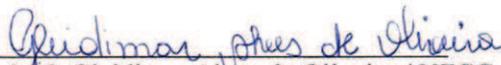
Aprovado em 07/12/2011.



Prof. Dr. Tarcísio Fagner Alêixo Farias / UEPB  
Orientador



Prof. Dr. Francisco de Assis Vale Cavalcante Filho / UEPB  
Examinador



Prof.ª Ms.ª Gleidimar Alves de Oliveira / UFCG  
Examinadora

## CONSIDERAÇÕES SOBRE MODERNIDADE E MEIO AMBIENTE EM HANNAH ARENDT E HANS JONAS

Dávila Maria da Cruz Andrade

Orientador: Tarcísio Fagner Aleixo Farias

### RESUMO

Este trabalho visa problematizar a percepção moderna da questão ambiental partindo de uma análise conceitual de Hannah Arendt sobre a atividade humana na era moderna e numa alternativa baseada na ética do futuro de Hans Jonas. Na obra *A Condição Humana* Arendt classifica a vida ativa do homem em três atividades: o labor - a atividade mais ligada ao ciclo vital (*animal laborans*), o trabalho - como fabricação de artefatos ou bens relativamente duráveis (*homo faber*) e a ação, o agir político (*actio*). A emancipação do labor criou na modernidade uma sociedade de operários e suprimiu a esfera da ação. Como resultado se tem uma ausência reflexiva dessa prática destrutiva. Buscamos em Jonas uma alternativa para a humanidade se defender de seu próprio poder autodestrutivo. O Imperativo da responsabilidade, apresentado por Jonas como uma alternativa à ética antropocêntrica pela ética antropológica recomenda: age de forma que tuas ações presentes não prejudiquem a vida das gerações futuras na Terra, representa uma mudança paradigmática, para tratar da questão ambiental já não bastam as ações e costumes, ou o imperativo ético kantiano, serem medidos pelo bem estar presente. No imperativo da responsabilidade devemos levar em consideração, inclusive os direitos dos que não conhecemos posto, ainda não terem nascido, ao medirmos as regras de bem viver de modo a não prejudicar a existência digna das gerações futuras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vida ativa, labor, Condição humana, meio ambiente, responsabilidade.

## INTRODUÇÃO

Faremos aqui uma breve reflexão sobre a relação dos modos de vida ou das atividades humanas com o meio ambiente - compreendendo não somente os espaços naturais, mas o conjunto de fatores naturais, culturais e sociais que envolvem e interagem com os indivíduos, influenciando e sendo influenciados por eles. Então como nossos modos e trabalho, modelos ou arquétipos sociais, costumes, a influência midiática a um modelo consumista, concepções éticas orientadas a vida exclusivamente no presente ou indo mais além de nossos netos agem sobre o meio ambiente, e como isto influencia nossas escolhas? Vamos pensar um pouco nesta cadeia de ações e reações que liga o todo - natural, fabricado, criado, humano, de acordo às posições ou localizações éticas escolhidas e praticadas. Que sementes estamos plantando e que frutos colheram os herdeiros da Terra ou as futuras gerações?

Buscaremos compreender mais essas questões num panorama atual, apoiados no pensamento de Hannah Arendt e Hans Jonas, relacionando as atividades básicas da condição humana tratadas por Arendt e um novo oriente ético adequado as novas tendências tecnocientíficas adotadas aos costumes coletivos apresentado por Jonas no “Imperativo responsabilidade”, onde recomenda: age de forma que tuas ações presentes não prejudiquem a vida das gerações futuras na Terra. Neste sentido a ética transcende o eu isolado e o outro no tempo presente, para que o abuso ou o uso desmedido dos recursos naturais não prejudiquem as gerações vindouras, de modo a desfrutarem de semelhantes recursos naturais no futuro, que dispomos no presente.

Hannah Arendt, em “A Condição Humana”, pensa a vida humana na modernidade através das três atividades básicas da condição humana, condições criadas e reinventadas por nós mesmos. São essas: labor - atividade ligada ao processo vital (*homo laborans*), trabalho (*work*) enquanto fabricação de artefatos, colocado aqui como os fazeres do *homo faber*; e ação (*actio*), que é a legítima ação política. O pensamento Arendiano mostra-se um expoente na reflexão voltada para a conservação da terra, e mais ainda como diz Hans Jonas (2006) para uma ética reflexiva que promova os modos de vida num sentido favorável a esta preservação.

Pensar no amanhã requer de homens e mulheres, ações afirmadas numa concepção que projete reflexivamente os modos de vida praticados e vivenciados no aqui e agora, como ações tomadas que de uma forma benéfica ou não chegarão as gerações futuras. A questão da preservação do Planeta, e assim da vida humana, condicionada a vida na terra, faz-se urgente nesse sentido considerar que desde seus espaços criados naturalmente até os ambientes recriados pela humanidade, passam por degradantes processos de adequação a cultura do consumo desenfreado, da concentração inconsequente no aqui e agora. Mas como introduzir num espaço (onde prevalece a concorrência, o superficialismo, o imediatismo), a necessidade de transformação no horizonte ético pra que possa existir uma renovação do estar na terra e assim, conservar a vida para além de onde a geração atual alcança?

Compreender as implicações da condição de ser humano, habitante da Terra em sintonia com as ações regidas e internalizadas na responsabilidade podem se tornar forte aliado nessa questão. Também compreendemos a educação, enquanto suporte ou ferramenta atuante na formação do ser humano e sua vivência em sociedade – aliada a valores da educação ou consciência ambiental, seja nos espaços formais, seja nos grupos mais pessoais, como família, a base de toda sociedade ou modelo social. Arendt estimula a ação política genuína, que podemos indicar aqui como ação onde os interesses coletivos estejam acima dos individuais, é o que ela chama amor ao mundo ou *amor mundi*.

## Vida Ativa e Modernidade

Nós, seres humanos, somos seres condicionados. Para Hannah Arendt na obra “A Condição Humana” (2001) a mudança mais radical da condição humana que podemos imaginar seria a emigração dos homens da terra para algum outro planeta. E mesmo assim ainda estariam condicionadas as condições que nós próprios criaríamos. A questão dessa obra é: o que estamos fazendo? Esta questão nos remete à dimensão prática, que marcas estamos deixando nesta casa-terra, pois, mais do que nunca somos dependentes, assim como um recém-nascido é da mãe, da natureza deste planeta para vivermos. Neste sentido, buscamos aqui refletir sobre a interpretação arendiana da modernidade através dos três conceitos centrais tratados em “A Condição Humana”:

As três atividades e suas respectivas condições têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a modernidade. O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida moral e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. (...) a ação é a atividade política por excelência (ARENDR, 2001, p. 17).

Segundo Arendt essas atividades são inerentes a vida humana na terra, que fundamentam, e mesmo são bases caracterizadas como essenciais à vida, a própria condição do existir na terra ou como nas palavras de Arendt do “ser-no-mundo”. Ou ainda, da “*vita activa*”, ou seja, a vida humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem razões permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens” (ARENDR, 2001, p. 31). Esses fazeres diferenciados são: labor - atividade ou trabalho que assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie, sendo a condição humana do labor o próprio processo vital (*homo laborans*), trabalho (*work*) enquanto fabricação de artefatos, colocado aqui como os fazeres do *homo faber*<sup>1</sup>; e ação (*actio*). Assim “este ambiente, o mundo ao qual viemos, não existiria sem a atividade humana que o produziu” (ARENDR, 2001, p.31).

Viver mostra-se possível na coletividade, ou na companhia de outros seres humanos, da mesma forma que deixar de viver ou morrer, é deixar de estar entre os

---

<sup>1</sup>“Como espécie *Homo sapiens et dimens* -, temos ocupado já 83% do planeta, explorando para o nosso proveito quase todos os recursos naturais. A voracidade é tal, que temos depredado os ecossistemas a ponto de a terra ter superado já em 20% sua capacidade de suporte e regeneração” (BOFF, 2008, p. 36).

homens. Localizado na solidão, ou sem a companhia de outros o homem dedicado ao labor “não seria um homem e sim um *animal laborans*”. O *homo faber* não mais o seria somente, se trabalhasse ou fabricasse em solidão do mundo, mas um deus. Já ação é característica exclusiva do homem, em companhia de outros já que tem por lugar a vida política.

Considerando como as três atividades básicas da vida humana o labor, o trabalho, e a ação como condicionantes de homens e mulheres, nesse breve estudo atentamos a relação dos modos de vida modernos e meio ambiente<sup>2</sup> – conjunto de fatores naturais, culturais e sociais, ou ainda, o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas. A cada uma destas atividades é identificada uma condição correspondente, no pensamento arendiano, o labor, por exemplo:

é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida (ARENDDT, 2001, p. 15).

Esta atividade do labor mostra-se diretamente ligada ao ciclo vital humano, desde o seu processo de geração, é a atividade que traduz o mandamento “crescei e multiplicai-vos”<sup>3</sup>, é um processo em sintonia com as necessidades imediatas do próprio corpo humano. Através do labor são feitas pela mão do homem as coisas mais necessárias à vida, também sendo as menos duráveis, pois após breve permanência no mundo retornam a natureza.

Arendt (2001, p. 108) diz que são as coisas menos mundanas e ao mesmo tempo as mais naturais (...) vêm e vão, são produzidas e consumidas de acordo com o eterno movimento cíclico da natureza. Diferindo do processo da fabricação, “que termina quando o objeto está acabado”, o sistema laboral “move-se sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo (ARENDDT, 2001, p. 109),

---

<sup>2</sup> “Meio (do latim *mediu*) significa tudo o que nos cerca, um espaço onde nós também estamos inseridos, e ambiente palavra composta de dois vocábulos latinos: a preposição *amb* (o) (ao redor, a volta) e o verbo *ire* (ir). Ambiente portanto seria tudo aquilo que vai a volta. Mas dizer que meio ambiente é tudo seria simplificar demais a questão” (TRIGUEIRO, 2008, p.77).

<sup>3</sup> Do Antigo testamento bíblico.

localizado de modo mais adaptado ao meio natural onde se encontra. Por outro lado, o trabalho (*work*):

é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por esse último. O trabalho produz um mundo artificial de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade (ARENDDT, 2001, p. 15).

A fabricação, fazer ou atividade do *homo faber*, tem na natureza o espaço de extração de matéria-prima, e sob esta condição da atividade do trabalho, o fim, ou o produto final no momento onde o processo de fabricação se encerra no objeto – embora nunca chegue a ser um fim em si mesmo, justifica os meios (ARENDDT, 2001, p. 166). Mais que isso o fim produz e organiza os meios. O fim justifica a violência cometida contra a natureza para que se obtenha o material. O modo do ser humano, de conceber o mundo na ótica do *homo faber*, leva-o a crença de rebaixar todas as coisas inclusive a Terra e todas as coisas da natureza, a categoria de meios, potenciais instrumentos ou matéria-prima para a composição de suas coisas fabricadas. “Enquanto a força processo de fabricação é inteiramente absorvida e exaurida pelo produto final, para Arendt, a força do processo de ação nunca se esvai num único ato (2001, p. 245).

Tanto a atividade do labor, como o trabalho podem existir na ausência de outros homens, no pensamento Arendiano:

A ação é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde a condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo. A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir (2001, p. 16).

A durabilidade no processo da ação é ilimitada, e podemos dizer que seu produto é o próprio ato da ação ou o agir, e a ação não tem fim. A ação atua na esfera pública, ou na política. Para Arendt, o processo de um único ato pode prolongar-se até o fim dos tempos (2001, p. 245). É como enfileirar peças de um dominó em círculo, onde o autor da ação está localizado inevitavelmente entre as peças, e ao empurrar uma peça, de certo as consequências desta ação – uma peça que foi empurrada que vai atingir todas as

outras numa sequência, que passa por vários processos cada vez que atinge uma peça, venha atingir o autor da ação.

A vida é um processo que, em tudo, consome a durabilidade, desgasta-a, fá-la desaparecer, até que a matéria morta, resultado de pequenos processos vitais, singulares e cíclicos, retorna ao círculo global e gigantesco na própria natureza, onde não existe começo nem fim, e onde todas as coisas naturais circulam em imutável, infundável repetição (ARENDDT, 2001, p. 108).

Os modos de vida, ou a condição humana, também determinada pelos próprios homens e mulheres, autores dos fazeres e ações da vida ativa, participam, segundo as concepções éticas empregadas, da cadeia de influências que formam os espaços humanos, seja social, político, econômico, cultural e como um todo, ambiental.

A instituição da escravidão diante da natureza servil já foi justificada como exigência na execução das atividades de manutenção da vida. Neste sentido laborar significava ser escravizado pela eterna necessidade, necessidades próprias ao sustento da vida. As classes dominantes da sociedade para participarem da vida política submetiam, a força, outros homens à necessidade. Na Era Moderna acontece uma inversão, com a valorização do *Animal laborans*, em substituição ao *homo faber*. Na atualidade, diz ela, “Os ideais do *homo faber*, fabricante de mundo, que são a permanência, a estabilidade e a durabilidade, foram sacrificados em benefício da abundância, que é o ideal do *animal laborans*” (ARENDDT, 1981, p.138). Neste sentido Arendt critica:

A mais grosseira superstição da era moderna – de que “dinheiro gera dinheiro” e sua mais aguda percepção política de que poder gera poder – devem sua plausibilidade à metáfora fundamental da fertilidade natural da vida. De todas as atividades humanas somente o labor, e não a ação nem o trabalho, é interminável, visto como acompanha automaticamente a própria vida, indiferente a decisões voluntárias ou finalidades humanamente importantes (2001, p. 118).

Enquanto o *homo faber* concebe a natureza como fonte de matéria-prima para suas obras, condição de mundanidade e produzindo um mundo artificial de coisas, o *homo laborans* segue o preceito cresci e multiplicai e é a expressão da própria humanidade. Labor corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio tem que ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. Nas modernas sociedades de trabalho e consumo, os moldes da organização do trabalho

devoram as barreiras da estabilidade humana, social, econômica, política e cultural, que são consumidas em nome dos ideais da abundância<sup>4</sup>, do lucro e da acumulação da riqueza. Desse modo, como alerta Jonas (2006) “A violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas” (p. 32).

Historicamente presenciamos os impactos sócio-ambientais causados por um desenvolvimento comprometido com o sistema que tem como pressuposto a propriedade privada e a dominação e a máxima fidelidade ao lucro, e para atingir esse objetivo não polpa nem os recursos naturais não renováveis do planeta e nem as camadas da população que despendem sua força de trabalho neste objetivo ou que não contabilizam no número de consumidores.

### **Modernidade e Meio Ambiente**

A questão ambiental neste sentido faz-se urgente não “somente” como preservação do planeta posto a ciência moderna já saber da força (re)criadora da natureza<sup>5</sup> mas sim por suas consequências sobre a humanidade. “Esse modelo de desenvolvimento que esgota os estoques de matéria-prima e energia depende da publicidade – e do imenso repertório de sons, imagens e arquétipos que manipulam os sentidos na direção do consumo compulsivo” (BESSERMAN, 2008, p. 84). Para Leonardo Boff:

(...) fizemo-nos reféns de um modelo civilizatório depredador e consumista que se universalizado, demandaria três planetas semelhantes ao nosso. Evidentemente isso é impossível, o que comprova a falta completa de sustentabilidade de nosso modo de produção, distribuição e consumo de bens de serviço. Não são poucos os analistas do estado da Terra que advertem: ou mudamos de padrão de relacionamento com a Terra ou vamos ao encontro do pior (2008, p. 36).

---

<sup>4</sup> O ideal da abundância exige do trabalhador um empenho de força incessante destinado a produção de bens de consumo imediatos, repetidamente, o que amarra o corpo do homem.

<sup>5</sup> “a humanidade pode se destruir mas não pode destruir o planeta, pois, para ilustrar, o asteróide que caiu na península de Yucatan há 65 milhões de anos e deu o golpe final no processo de extinção de espécies iniciado há alguns milhões de anos antes (por razões que ainda que ainda são objeto de investigação,) gerou um impacto de 10.000 vezes superior ao de todo arsenal nuclear existente na terra. (...) Muitas foram as perdas da biodiversidade em grande escala ao longo da história da vida no planeta. Cinco delas, por seu tamanho, são conhecidas como as grandes extinções” (BESSERMAN, 2008, p. 97). Essa grande extinção citada aqui refere-se a extinção dos dinossauros.

A gestão dos recursos naturais é foco central na questão de pensar o desenvolvimento político-econômico-social numa base sustentável a curto e longo prazo, e sem maiores complicações para as gerações vindouras. O pensamento Arendiano mostra-se um expoente na reflexão voltada para a conservação da terra, como podemos observar nas afirmações de Hans Jonas (2006) para uma ética reflexiva que promova os modos de vida num sentido favorável a esta preservação. Jonas diz que a ética do futuro não designa ética no futuro – uma ética futura concebida hoje para os nossos descendentes futuros, mas uma ética de hoje que se inquieta com o futuro e entende protegê-lo para os nossos descendentes das consequências do nosso agir presente. “O novo imperativo clama por outra coerência: não a do ato consigo mesmo, mas a dos seus efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro” ( p. 49)

Pensar no amanhã requer de homens e mulheres, ações afirmadas numa concepção que projete reflexivamente os modos de vida praticados e vivenciados no aqui e agora, onde cada passo dado nesta terra influencia o que está por vir.

As informações sobre meio ambiente, e especialmente sobre impactos ambientais hoje já são mais presentes nos meios de comunicação, e cada vez mais os profissionais se especializam no domínio da linguagem a cerca deste tema. O que não significa dizer que se tenha uma discussão clara, principalmente quanto há medidas de consumo sustentáveis que ferem de certo o sistema de base consumista.

Ao tratar de sustentabilidade o profissional da comunicação, situado no jornalismo ambiental, mais ainda que em outros casos, é incapaz de assumir uma postura de imparcialidade. Posto não ser interessante para as grandes mídias esclarecer sobre costumes que vão de encontro a sua principal bandeira, o consumismo. Principalmente citando aqui o meio da TV aberta brasileira, que atinge e influencia a maior parte da população, que já apresenta uma boa fatia de programação que contemplam e desvelam as belezas e até os impactos ambientais. Mas nada comparado ao espaço na programação dedicada, por exemplo, ao futebol - uma categoria dentro do esporte transformado em espetáculo ideal para o lucro e o entretenimento.

Quando tratamos de, por exemplo, questões ambientais nos noticiários, a não ser os específicos dessa área, esbarramos na eventualidade de quando há uma chamada catástrofe ambiental, nas disputas de terra entre indígenas e grandes produtores, e na

luta do Movimento dos trabalhadores Sem Terra pelo acesso à terra. Para estes casos é dedicada atenção especial, os telejornais de maior audiência empenham seus recursos tecnológicos e conceituais com vigor, com razão, pois assim como outros grupos também lutam pelo seu espaço, então se faz imprescindível ter uma postura favorável aos detentores dos meios de comunicação de massa.

Mesmo com a urgência de renovação dos hábitos gerais no sentido de orientá-los para atitudes sustentáveis, a mídia brasileira formadora de opinião da grande massa ainda despreza o que se tem como a mais pontual questão mundial, a gestão sustentável dos recursos naturais em favor de toda a população mundial. Muito pelo contrário, nutrem um apelo “encantador” para como os moldes de vida capitalista podem proporcionar “felicidade”. O acesso, digamos, a facilidades do imediato, proporcionados pelas tecnologias especialmente as da comunicação e informação, nos impele a acreditar nas facilidades do sistema. Não se tratando aqui do descrédito das coisas existentes, sejam essas materiais ou virtuais, mas como diz Trigueiro citando Sodré:

A multiplicidade dos fatos informativos não resulta no aperfeiçoamento do cidadão nem em seu conhecimento sobre o mundo. Quanto mais você é informado do inessencial, menos você sabe sobre si mesmo e mais você é controlado pela lógica do medo (1982, p.74).

Arendt já enfatiza “viver para os romanos é estar entre os homens (*interhominis esse*) ou morrer deixar de estar entre os homens (*interhominis esse desinere*)”, compreendendo as afirmações ou negações filológicas ou mesmo a linguagem como realidades ulteriores, observamos a perda do sentido de coletividade quando as decisões e direcionamentos políticos apresentam tendências bem claras no sentido de pactuar com a perpetuação das desigualdades. Quando a esfera pública ou política é guiada por questões privadas, a política já não se preocupa com o melhor para a comunidade, mas começa a focalizar os interesses privados, individuais e econômicos (FRY, 2009, p.152).

Gastam-se milhões com infra-estruturas dedicados a espetáculos ditos esportivos, enquanto na mesma nação não são garantidos os direitos de alimentação, saúde, habitação, cultura, esporte e lazer para o desenvolvimento saudável das gerações presentes e futuras. E o que a má distribuição dos recursos e as desigualdades sociais e

políticas tem haver com ecologia? Da concepção ético-filosófica advêm as práticas da *Vida Activa*: “Os princípios da ecologia são os princípios de educação comuns a todos esses sistemas vivos<sup>6</sup>. São os padrões básicos da vida. Na verdade nas comunidades humanas eles poderiam também ser chamados de princípios comunitários” (CAPRA, 2008, p. 22).

Fritjof Capra nos convida a refletir a respeito do verdadeiro significado da palavra “sustentabilidade”. A humanidade tem a capacidade de atingir o desenvolvimento, de atender as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atender as próprias necessidades. Capra nos diz que:

“não precisamos inventar as comunidades humanas sustentáveis a partir do zero, mas podemos moldá-las de acordo com os ecossistemas naturais, que são comunidades sustentáveis de planta, animais e microorganismos. Como a principal característica da biosfera é sua capacidade intrínseca de manter a vida, uma comunidade sustentável humana deve ser planejada de modo que os estilos de vida, negócios, atividades econômicas, estruturas físicas e tecnologias não interfiram nessa capacidade da natureza de manter a vida (...) o primeiro passo nesse nosso esforço para construir comunidades sustentáveis deva ser a compreensão dos princípios de organização que os Ecossistemas desenvolvem para manter a teia da vida” (2008, p. 20).

No entanto, todos os dias somos bombardeados com mais e mais ditas “necessidades” da vida moderna, que vem justificar o imediatismo, e apresentar novos paradigmas para o que chamamos “novo”. A localização no tempo, depende dos acessos as redes virtuais de relacionamento, estar com o outro, pode ser estar conectado virtualmente com o outro. Na cultura de massa (ADORNO, 1985), as coisas vêm e vão na mesma rapidez, tendendo a satisfação fugaz através dos estímulos publicitários onde os “antigos” índices classificatórios – qualidade e quantidade, são substituídos pela versão mais mercadológica do sistema.

Faltam raízes que liguem e sustentem o pensamento na questão da vida em si, manter a conexão segura nas redes naturais da vida – relacionamentos interpessoais, situações políticas, realidades econômico-sociais, boas relações e modos de trabalho, valorização da diversidade cultural em sintonia com a consciência da totalidade, “bem

---

<sup>6</sup> “A teoria dos sistemas envolve uma nova maneira de ver o mundo e uma nova maneira de pensar, conhecida como ‘pensamento de sistemas’ ou ‘pensamento sistêmico’. Significa pensar em termos de relações, padrões e contexto. (...) exemplos desse sistema não faltam na natureza. Todo organismo-animal, planta organismo ou ser humano – é um todo integrado, um sistema vivo”(CAPRA, 2008, p.22).

como os processos cíclicos e naturais que o rodeiam, entregando-lhes e abandonando a eles a já ameaçada estabilidade do mundo humano” (ARENDR,2001).

### **Ética Ambiental na Contemporaneidade**

Uma prática concebida antes em preceitos ético-filosóficos que em normas, mas na estrutura social há tempos já se vem institucionalizando e normatizando essa categorias na orientação de mudanças, como se pode ler no Art. 225 da Constituição Federal Brasileira a seguinte frase: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida impondo-se ao Poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (1988).

Como em muitas áreas, a atenção devida a essa questão, por vezes parte de forma mais ativa pela mobilização da sociedade civil, com o tema pontual do meio ambiente não poderia ser diferente. No movimento ambientalista brasileiro, segundo Born, temos duas grandes correntes: os Reformistas e os Utópicos:

Reformistas apostam em práticas, reformas e políticas que lidam, por exemplo, com a promoção da reciclagem do lixo, etc., iniciativas necessárias, mas que basicamente mantém e até aprofundam a dinâmica do sistema vigente, criando certos paradoxos emblemáticos, como o aumento dos índices de reciclagem e, paralelamente, a crescente circulação de embalagens descartáveis no mercado (2008, p. 108).

A ação dos reformistas é relevante na sociedade brasileira onde ações como separar as categorias dos resíduos (plástico, vidro, papel, metal, orgânico) ou do lixo, e a coleta também seletiva, mais a reutilização dos materiais resgatados do lixo, está longe de ser cultura e prática geral, já é um importante passo na conservação ambiental. Mas só tratar do pós-consumo como este exemplo da separação dos resíduos, sem trabalhar com a diminuição dessa produção, e também com a substituição de materiais de uso constante por materiais reutilizáveis pode acarretar como disse o autor citado até o que podemos chamar aqui de “maquiagem verde”, quando a publicidade vende a imagem de um negócio como sendo sustentável, com base em atividades que não englobam nem expandem o conceito de sustentabilidade, mas que só acontecem através de ações isoladas.

A corrente composta pelos utópicos: “busca o estabelecimento de sociedades sustentáveis, pois suas iniciativas estão voltadas para mudanças nos vigentes padrões de consumo e produção e também baseadas em questão de ética e justiça social (...)”. A sustentabilidade na esfera social requer geração de emprego e distribuição de renda de forma equitativa, acesso a um padrão de consumo das coisas necessárias e básicas a vida a todos e de modo urgente mudar a presença insustentável da fome e miséria. A padronização pop imposta pela indústria cultural (Adorno, 1985), é culturalmente insustentável, a valorização das culturas locais e regionais são expressões e reflexos das identidades dos diversos grupos humanos, quando mais no respeito aos diferentes modos de vida, em valores que lhe antecedem e práticas circulares ou não.

Agora já se compreende que os efeitos das ações humanas vão se somando, de modo que a situação para um agir e um existir posteriores não será mais a mesma da situação vivida, mas sim crescentemente distinta e cada vez mais um resultado daquilo que já foi feito.

Busca-se um modelo de vida que possa ser sustentado pelo planeta, confrontando este modelo vigente de sociedade do desperdício, procurando internalizar tendências de um desenvolvimento sustentável, que pressupõe um desenvolvimento que permite suprir as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de viver uma vida digna.

As grandes questões ambientais hoje são: o manejo dos resíduos, a progressão do volume do lixo que vem aumentando dia após dia, o aquecimento global, os danos à camada de ozônio, a urbanização sem planejamento, matança desmedida de animais, a derrubada das florestas, o ritmo acelerado de desertificação do solo, a poluição dos mares, rios e reservatórios, a crescente escassez da água e o alto consumo de energias não renováveis e a grande quantidade de veículos nas grandes cidades que além de poluírem prejudicam a população pelo grande número de acidentes e congestionamentos.

Neste sentido de práticas sustentáveis já contamos com determinadas ações e hábitos, mas que precisam ser ampliados. A reutilização, a reciclagem – principalmente dos conceitos, são bons aliados, e bases da sustentabilidade, junto ao controle da emissão de gases, a revisão de hábitos alimentares, o conforto em morar de forma

planejada prevendo menos desperdício e usando matérias ecológicas, o respeito aos limites da floresta e matas nativas, não adotar as queimadas como método viável, proteção animal, a conservação das águas através de saneamento básico para evitar que se chegue resíduos até as águas e seu uso consciente, além de adotar fontes de energias renováveis, o reflorestamento, arborização urbana, planejamento urbano, melhora em muito a qualidade do ar e do clima que vem expressando variações preocupantes. Mas como pode ser possível esta mudança de pensamento e como alcançar essa transformação dos modos de vida ou do *Habitus*<sup>7</sup>?

Tendo a educação e o pensamento reflexivo como meio de construção do conhecimento e assim do sujeito, faz-se necessário destacar o que é o educar para Paulo Freire (*apud* Sousa, 2001):

Educar é construir é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da história e onde a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos, é essencial a prática pedagógica proposta. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar a escola, o processo será inoperante, somente meras palavras despidas de significação real. A educação é ideológica, mas dialogante, pois só assim pode se estabelecer a verdadeira comunicação da aprendizagem entre seres construídos de almas, desejos e sentimentos (p. 29).

Pensemos que a educação ambiental e a educação baseada em preceitos éticos serão base de uma nova era, mais consciente de acordo com os novos valores que surgem no horizonte da sociedade contemporânea. Cabendo à escola, já que este é o espaço reservado ao aprendizado formal, a responsabilidade de basear-se e fortalecer-se em valores, e promover atitudes e comportamentos em acordo com os desafios que a educação ecológica enfrenta.

O fundamento central do pensamento de Hans Jonas é uma ética que vise as gerações vindouras - bem além de nossos netos. E que esteja em acordo com os efeitos remotos, cumulativos e irreversíveis da intervenção tecnológica sobre a natureza e o próprio homem. Jonas afirma:

---

<sup>7</sup> O *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada (BOURDIEU, 2010).

Um imperativo adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante deverá ser mais ou menos assim: “Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”; ou expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida”; ou, simplesmente: “Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra”; ou em um uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer” (2006, p.49).

Eis acima as diversas fórmulas que têm o dever como axioma. Com o “princípio responsabilidade” de Jonas, se estabelece uma ruptura com o imediatismo e o formalismo da ética tradicional (antropocêntrica), e procura suplantar o imperativo categórico de Kant “Age de tal forma que tu possa igualmente querer que tua máxima se torne lei universal”. O princípio responsabilidade é mais que uma exigência moral, pois existe não somente por nossa própria causa, mas também em causa própria e por seu próprio direito. Isso significaria procurar não só o bem humano, mas também o bem das coisas extra-humanas, isto é, ampliar o reconhecimento de “fins em si” para além da esfera do humano, incluir o cuidado com estes no conceito de bem humano. “A técnica moderna introduziu ações de uma tal ordem inédita de grandeza, com tais novos objetos e conseqüências que a moldura da ética antiga não consegue mais enquadrá-las” (2006, p. 39).

O que diferencia o imperativo da responsabilidade do princípio moral kantiano é que enquanto este se dirige ao comportamento privado, o jonasiano se dirige ao comportamento coletivo, público e social. Jonas não procura somente a coerência da razão consigo mesma. A coerência pessoal do ser humano que quer estar a altura do seu dever, o seu objetivo é ressaltar a importância da preservação do ser no futuro. Já que este deixou de ser promessa para se transformar em ameaça para si mesmo, através das gerações futuras.

Jonas retoma do ponto de vista ontológico, as antigas questões sobre a relação entre ser e dever, causa e finalidade, natureza e valor, de modo a fundamentar no Ser, para além do subjetivismo dos valores, esse novo dever do homem. Enquanto for o destino do homem, dependente da situação da natureza, a principal razão que torna o interesse na manutenção da natureza um interesse moral, ainda se mantém a orientação

antropocêntrica de toda ética clássica. Sob tais circunstâncias, o saber torna-se um dever prioritário, mais além de tudo o que anteriormente lhe era exigido, o saber deve ter a mesma magnitude da dimensão causal do nosso agir. Reconhecer a ignorância torna-se então, o outro lado da obrigação do saber, e com isso torna-se uma parte da ética que deve instruir o autocontrole, cada vez mais necessário sob o nosso excessivo poder. Essa responsabilidade assim como o poder libertado pela tecnologia, não se restringe a esfera do sujeito individual, mas terá como verdadeiro destinatário a práxis coletiva.

O dever compreende, assim, três aspectos: a existência de um mundo habitável pois, não é qualquer mundo que pode ser espaço digno de uma vida humana autêntica; a inexistência da humanidade é absurda, porque o mundo sem homens (e mulheres) é, para Jonas, equivalente ao nada, sem humanidade não existe quem valore o ser; a humanidade autêntica não é uma humanidade qualquer mais uma humanidade criadora.

Ao fundar a responsabilidade no apelo do ser, esta transfigura-se numa obrigação não recíproca que estende a toda biosfera e as gerações futuras o dever do homem. Como se trata não apenas do destino do homem, mas também da imagem do homem, não apenas da sobrevivência física, mas também da integridade de sua essência, a ética que deve preservar ambas precisa ir além da sagacidade e tornar-se uma ética do respeito.

A visão científica da natureza recusa-nos qualquer direito teórico de pensar a natureza como algo que devemos respeitar. Entretanto um apelo mudo pela preservação de sua integridade parece escapar da plenitude ameaçada do mundo vital, expressada nas respostas que a natureza nos vem dando devido a nossos danosos estímulos. Então eis a questão: devemos ouvi-la, reconhecer sua exigência como obrigatória –porque sancionada pela natureza das coisas-, ou então devemos ver nesse apelo, pura e simplesmente um sentimento nosso, com o qual devemos transgredir quando quisermos ou na medida em que pudermos nos dar o luxo de fazê-lo? “A teoria de Arendt estimula a possibilidade da ação política genuína, que é inspirada pelo ‘amor pelo mundo’ – *amor mundi* (FRY, 2010, p. 78).

As chamadas degradações ambientais vem nos alertar para a necessidade da renovação dos moldes de vida e valores, mostrando que o poder que nos é permitido

conhecer esbarra nos anseios racionalistas e sentimentais humanamente pesados de modo desequilibrado, quando a ansiedade do querer do desenvolvimento desenfreado a qualquer custo, situa-se na invasão impensada dos espaços naturais. Imaginar a natureza como simples fonte de matéria-prima para a fabricação de coisas é ignorar os processos de ligações naturais a que estão conectadas todas as coisas.

Vivemos buscando meios novos e reinventando antigos hábitos nas formas simbólicas de convivência, seja nas relações econômico-sociais, de trabalho, seja nas esferas interpessoais, rever os componentes de nossa cultura (de massa) se faz imprescindível, reconhecer que a presença da natureza em tudo localiza-se na totalidade do Ser, é impulso a inovações mais urgentes na Condição Humana de habitantes da Terra.

### **Considerações Finais**

No “princípio da responsabilidade” proposto por Jonas que considera que o outro, aquele que não conheço, que ainda nem nasceu, tem o direito de desfrutar de uma vida digna na terra no futuro, faz-se preciso alterar o conceito da ética antropocêntrica (homem-homem), pela ética antropológica (homem-mundo). Não podemos mais viver a consumir as fontes naturais do planeta como se fôssemos a última geração há habitar na terra. Para Jonas o próprio imperativo já é esse apelo ao novo, visto as novas necessidades mundiais apontarem para uma urgente mudança nos modos de relação como o nossa casa: a Terra. A ética deve instruir o autocontrole, pois há uma natureza modificada no agir humano. A ética para Arendt acontece na esfera política, no campo das ações. Em Jonas a ética é possível porque existe essa ação ou porque os homens agem, a ética aí está para ordenar suas ações e regular seu poder de agir.

Em Arendt o senso ético também apresenta uma responsabilidade pelo mundo ao indicar os limites às práticas que podem ou não ser prejudiciais ou perigosas para a humanidade.

Consideramos a ação, tanto na filosofia de Hannah Arendt como no pensamento de Hans Jonas, meio de ativação ética, na política, na natureza ou num ambiente como um todo de transformação do agir ou das atividades humanas. Acreditamos e defendemos a renovação através da introspecção da ética da responsabilidade quanto a

um mundo sustentável, com padrões de costumes renováveis e reutilizáveis, como capaz de transmutar desde os níveis das relações interpessoais, os moldes do sistema global, e como discutimos o poder de nossas ações para o planeta, também consideramos a força da natalidade ou força criadora da natureza como instigadora maior das nossas mudanças de atitude. Esse princípio e práticas espera na esfera pública conceitos políticos renovados, mas é inegável que este movimento começa em cada pessoa.

## ABSTRACT

### CONSIDERATIONS OF MODERNITY AND ENVIRONMENT IN HANNAH ARENDT AND HANS JONAS

**Dávila Maria da Crua Andrade**

This paper aims to discuss the modern perception of environmental issues starting from a conceptual analysis of Hannah Arendt about “human activity in the modern era”, and righting an alternative based on the “ethics of the future” of Hans Jonas. In the book *The Human Condition* Arendt classifies the active life of man in three activities: the labor - the activity more related to life cycle (*animal laborans*), the job - as production of artifacts or on durable goods (*homo faber*) and action, the political action (*actio*). The emancipation of labor in modernity has created a society of workers and removed the sphere of action. As results there is a world that does not reflect his own destructive practice. We seek in Jonas an alternative to humanity to defend their own of your self-destructive power. The imperative “responsibility”, presented by Jonas as change from anthropocentric ethics to anthropological ethics, “act so that your present actions do not jeopardize the lives of future generations on Earth”, represents a paradigm shift. To broach the environmental issues are not enough stocks and customs, or the ethical imperative, to be measured by the well-being present. In the imperative “responsibility” we must consider including the rights of those who we do not know, because they were not born yet, when we measure the rules of good living so as not to jeopardize the worthy existence of future generations.

**KEYWORDS:** Active life, labor, human Condition, environment, responsibility.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. MAX, Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Florence, 2001.
- BESSERMAN, Sérgio. A lacuna das informações ambientais in TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Campinas: Armazém do Ipê (autores associados). 5ª ed, 2008.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia e Espiritualidade* in TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Campinas: Armazém do Ipê (autores associados). 5ª ed, 2008.
- BORN, Rubens Harry. *Articulação do capital social pelo movimento ambientalista para a sustentabilidade do sofrimento no Brasil* in TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Campinas: Armazém do Ipê (autores associados). 5ª ed, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 13ª ed, 2010.
- CAPRA, Fritjof. *Alfabetização Ecológica: O desafio para a educação no século 21* in TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Campinas: Armazém do Ipê (autores associados). 5ª ed, 2008.
- CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 24ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- FONSÊCA, Flaviano Oliveira. *Hans Jonas: (bio) ética e crítica a tecnociência*. Recife: Ed. Universitária - UFPE, 2007.
- FRY, Karin A. *Compreender Hannah Arendt*. Petrópolis: editora Vozes Ltda, 2010.
- TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente na Idade mídia* in TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Campinas: Armazém do Ipê (autores associados). 5ª ed, 2008.

TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Campinas: Armazém do Ipê (autores associados). 5ª ed, 2008.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC – Rio, 2006.